

# Aula

---

# 4

## MÉTODO EM FILOGIA ROMÂNICA II: O MÉTODO IDEALISTA

### META

Compreender a proposta do método idealista e sua aplicação aos estudos da filologia românica.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

- situar a filologia românica no espírito filosófico e no caráter geral da linguística;
- abordar a questão do método idealista como aplicação de hipóteses filosóficas sobre a natureza da língua e os mecanismos de sua evolução;
- compreender os elementos de oposição do método idealista ao método histórico-comparativo.

### PRERREQUISITOS

As aulas anteriores deste módulo e os módulos I e II de Fundamentos da Língua Latina continuam sendo pré-requisitos até porque será necessário dominar bem o assunto da aula anterior haja vista o confronto que se deve fazer entre esses dois métodos, vistos como as grandes linhas teórico-metodológicas na abordagem da filologia românica.

Na aula anterior, falou-se dos recursos auxiliares e das ciências afins. Para abordar o método idealista, é preciso sempre se estar referindo à filosofia, à poesia, à criatividade e ao livre curso que o homem imprime à linguagem, sobretudo no âmbito da fala, sem muita cobrança de rigidez formal ou normativa.

De certa forma, o método idealista se opõe ao histórico-comparativo, por isso importa ter bem claro o conteúdo da lição anterior para identificar os elementos divergentes entre os métodos.

## INTRODUÇÃO

Abordar o método idealista é reconhecer a possibilidade de tratar a língua em consonância com o lado filosófico e espiritual do ser humano pondo em evidência aspectos de cunho estético e artístico que levam o falante a usar a linguagem sem estar muito preocupado em cumprir regras que ditam formas corretas e únicas de expressão.

Este método é mais um caminho possível em filologia românica, mas também nada exclusivo nem perfeitamente acabado. É preciso considerá-lo no conjunto das outras propostas metodológicas e, após um conhecimento global, buscar uma síntese que contemple as necessidades da ciência filológica como um todo.



## DIACRONIA E SINCRONIA

Para bem compreender estes dois métodos fundamentais, importa considerar as duas grandes tendências da linguística:

1. Diacronia / *langue* / forma / sintagma
2. Sincronia / *parole* / função / paradigma.

Praticamente todas as considerações sobre o fato linguístico giram em torno desses dois grandes condutores básicos do processo. No primeiro caso, estão as considerações sobre o que as línguas possuem de formal, de estruturado, obedecendo sempre a princípios que acabam por se constituir em regras fixas e assim transmitidas. Neste aspecto, enquadram-se os que amam pesquisar a história das línguas e o que elas possuem de elementos fixos, constantes e, quando variados, o fazem dentro de regras mais ou menos precisas.

No segundo caso, enquadram-se os que vêem nas línguas o seu lado comunicativo, prático, possibilitando variações de acordo com as necessidades do uso. Neste aspecto, a língua é liberdade, é variação constante e deve ser considerada na dinâmica de cada momento segundo as oscilações próprias do espírito humano.

Tais posturas, no entanto, não devem ser excludentes uma da outra. A diacronia precisa da sincronia e vice versa; daí ser mais completo falar de *pancronia*, no sentido da existência de um tempo global no qual a língua se insere, no qual todas as ocorrências têm o mesmo relevo, a mesma significação para os estudos linguísticos.

No primeiro caso está o que Ferdinand de Saussure denominou de *langue*, ou seja, o todo organizado, o aspecto formal. No segundo caso, tem-se o domínio da noção também saussureana de *parole*, isto é, a língua viva na comunicação do tempo presente, ou de uma época específica, tal como o falante a utiliza naquele determinado momento.

O método histórico-comparativo, como foi visto na aula anterior, prende-se ao primeiro aspecto das considerações acima. O método idealista, por sua vez, prende-se ao segundo aspecto e, assim sendo, põe em destaque o caráter filosófico, fugindo um pouco dos parâmetros propriamente filológicos.

O criador deste método, Karl Vossler (1872 – 1949), aplica princípios idealistas e estéticos às línguas românicas e, atribuindo ao positivismo a pesquisa objetiva dos fatos linguísticos, propõe que o método idealista realize o processo contrário, ou seja, considere a influência de dados subjetivos no trato com a linguagem. Para ele, a língua é motivada e, de certa maneira, imprevisível tal como o espírito humano.

Sendo expressão da alma, a linguagem humana tem a sua história semelhante à história da arte, influenciada pela força da espiritualidade e da estética com que se busca expressar o belo.

O nome Benedetto Croce também se destaca na correlação entre a expressão linguística e a obra de arte, a estética. A concepção de língua elaborada por Croce procede da de Giambattista Vico, que identifica a língua com a poesia, concepção posteriormente elaborada com fundamentos mais sólidos por Wilhelm von Humboldt, para quem a língua é produto do espírito humano, que se manifesta tanto na linguagem quanto na sociedade, nas ciências e nas artes.

Decorre daí a insistência sobre a valorização da criatividade individual dos falantes como aspecto central da língua e a intuição como faculdade maior do linguista. Este método busca, mais do que tudo, reconhecer a influência da cultura sobre os fatos linguísticos, de modo especial sobre a produção literária.

Porque o espírito humano se mostra como atividade, a língua jamais será considerada como um produto (*ergon*), mas como algo em constante criação (*energeia*). A abordagem do método idealista quer refletir a disposição espiritual e a vida interior do falante tendo resultados bastante visíveis no contexto da língua, na constituição das expressões da fala, ou seja, da própria maneira de ser de cada indivíduo.

Fica bastante clara a reação contra o método anteriormente exposto, fortemente recheado de positivismo desde a coleta e o trato rigoroso dos materiais até a formulação indutiva de regras.

O idealismo linguístico, pelo contrário, preconizou uma metodologia intuitiva e sintética, voltada para formulações globais atentas ao próprio ritmo do espírito humano, sua liberdade de criação e expressão individual também refletidas na linguagem.

Vossler acentua o caráter alógico da língua, considerando as palavras apenas como símbolos levando a expressão linguística ao puro terreno da individualidade. Para ele, cada expressão é uma recriação, carregando sempre algo da alma do falante e, por isso, é única e exclusiva, diferente de qualquer outra expressão de todos os outros falantes. Tal concepção tem apoio na teoria da intuição de Bergson, identificando a expressão, a imagem com a impressão e decorrendo daí a idéia de que a expressão linguística é contínua criação, contínua impressão, um fenômeno estético.

Karl Vossler retoma as concepções filosóficas expostas acima e as aplica ao terreno propriamente linguístico. Vossler, a exemplo de Croce, também combateu o positivismo muito bem expresso no método naturalista histórico-comparativo. Sendo contrário ao método indutivo-analítico, Vossler apresenta o método intuitivo – sintético, que busca por todas as partes o espírito na vida linguística.

Tenta ainda demonstrar que as mudanças fonéticas dependem do acento e do ritmo, os quais também dependem do estado de espírito de quem fala. Assim, as mudanças fonéticas procedem das nossas intuições por meio do aparelho articulatório. Aos poucos, determinadas mudanças, que nasceram no plano individual, vão permanecendo e se desenvolvem-

do segundo a inclinação coletiva que as aceita e adota, passando, então, a fazer parte da linguagem como nova forma de variação.

Na visão de Vossler, toda expressão é uma criação do espírito, fazendo parte da história do espírito, história da cultura. Assim, fica estabelecida a coesão da língua com a mentalidade e a cultura de um povo, ou seja, suas variáveis posturas sociais culturais e espirituais. Ele tenta, desta maneira, compreender o espírito de um determinado período linguístico, tendo por base uma visão total das condições culturais, políticas, literárias e de toda a vida daquele período. Daí, é detectado o paralelismo com as mutações linguísticas.

Você deve ter observado que, salvo raras exceções, os grandes especialistas em filologia românica são de língua alemã. Isso cria um questionamento curioso: como é que pessoas que não falam línguas oriundas do latim se mostram tão interessados pela romanística e apresentam as melhores contribuições para os aprofundamentos nesta área? Na verdade a língua latina nunca foi desprezada em seus países e continua fazendo parte dos currículos escolares como elemento indispensável para a formação integral dos indivíduos. Já no Brasil, cuja língua falada apresenta a aproximação mais perfeita com latim, o preconceito e a redução vão-se impondo até chegar ao seu total aniquilamento.

O método idealista se utiliza de alguns termos que, aqui e ali, estarão sendo evocados para a melhor elucidação dos conceitos: de um lado, a *innere Sprachform*, que traduz a *forma linguística interior*, ou seja, um sistema de morfemas, o esqueleto das possibilidades de expressão em que, simplesmente, devem ser introduzidos os semantemas (palavras) para obter uma manifestação linguística concreta. Esta se opõe à *aussere Sprachform*, que traduz a *forma linguística externa*, isto é, a fonética, a morfologia de uma língua.

Um olhar crítico constata os exageros cometidos por todos os teóricos e a maneira incisiva com que defendem seus pontos de vista. Foi assim com o método histórico-comparativo; é assim também com o método idealista. Logo de início, vale ressaltar a dificuldade natural que se apresenta no trato com elementos de ordem filosófica, espiritual, onde as evidências nem sempre são tão claras como se pretenderia que fossem. Um exemplo disso é a veemência com que se tratou a questão do partitivo, muito característico da língua francesa *manger du pain, boire de l'eau* etc.

Muito se apregoou, a fim de dar respaldo ao uso do método idealista, que este costume da língua francesa seria devido à influência do espírito mercantilista da Idade Média, no qual a língua francesa se estava forjando. Não poderia existir melhor exemplo para comprovar a influência de uma época, de um momento cultural sobre a forma da língua.

Pesquisas históricas, no entanto, (e isso dá provas de que não se pode fazer uso exclusivo de um método) assinalam o uso bem antigo do partitivo no latim clássico e que o latim vulgar adotou sem restrições na forma de

partitivo-objeto *bibere de aqua*. Não se pode concluir, portanto, que o uso do partitivo tenha sido resultado do espírito daquela época.

Daí se percebe o cuidado que se deve ter antes de adotar generalizações, pois o erro do raciocínio idealista consiste em querer descobrir com total regularidade o reflexo do espírito dos tempos em fatos linguísticos incompletos ou mal comprovados. O falante, por mais criativo que seja, não pode sair criando livremente sem qualquer articulação com a tradição de sua língua.

Tal como se fala do processo da formação de *neologismos*, quase não existe criação *ex nihilo*, como se os falantes tirassem as palavras do nada e assim as impusessem para o uso comum. Daí ser importante sempre recorrer à noção de pancronia e imaginar a língua inserida num tempo global no qual uma rede de associações se faz necessária, pois não existe uma língua inteiramente pura, que não tenha sofrido influência de outra ou que não tenha exercido influência sobre outra.

### CONCLUSÃO

O método idealista tem grande importância para os estudos de filologia românica até porque as culturas dos povos imbuídos neste processo em muitos aspectos podem ser recuperadas, deixando transparecer muitos dados significativos para a compreensão dos fatos linguísticos.

Não se pode, porém, imaginar um método que seja perfeito; por isso um trabalho sério e abrangente deverá fazer uso de mais de uma proposta metodológica, sempre levando em conta que um método pode se prestar mais que outro a determinadas abordagens. A opção por um método de trabalho depende muito do tipo de investigação que se deseja empreender, sem contar que as pessoas, por questão de simpatia, podem preferir esta ou aquela proposta. A questão, portanto, é bastante ampla.

## RESUMO

O idealismo tem metodologicamente um significado importante enquanto associa língua e cultura, filologia e filosofia, linguagem e espiritualidade, mas o método requer uma maneira positiva de operar sob pena de conduzir a resultados totalmente inexatos e infundados.

O contato direto com os fatos linguísticos evitaria conclusões equivocadas, o que, muitas vezes, procede de dados tomados de segunda mão ou sem o rígido controle necessário. Também não se pode negligenciar o contato com outras línguas românicas pelo qual muitos problemas se solucionam e, não raras vezes, com o apoio dos resultados positivistas.

O método idealista, no entanto, possui o grande mérito de ter alertado para o lado individual e criativo da vida da linguagem, dando ênfase especial aos fatores artísticos, estéticos e espirituais na constituição da língua. O idealismo também reage ao excesso de fonética característico do método histórico-comparatista ou do positivismo fonetizante em cuja ótica a analogia na fonética foi vista como fator de perturbação na exatidão das leis e não - como realmente parece ser - uma força diretriz de ordem espiritual.

Insistindo sobre puros valores de ordem estética e espiritual, o Idealismo afastou a língua de tudo o que ela tem de objetivo, tradicional e coletivo.

Insista-se sempre no grande mérito do idealismo: alertar para a essência social da linguagem e para o caráter sociológico da linguística.

## ATIVIDADES

As questões para avaliação desta aula continuam tendo forte ligação relação com o entendimento que você assimilou dos conteúdos aqui expostos. Não se pode, como se disse na aula anterior, querer respostas formalmente idênticas de aluno para aluno. O questionário suscita uma discussão em torno do assunto, devendo o aluno desenvolver uma linha própria de raciocínio dando conta da plena compreensão que assimilou do conteúdo exposto.

- a) Destaque alguns especialistas do método idealista e relacione-os às respectivas abordagens teóricas.
- b) *O método idealista também prestou-se aos objetivos da linguística românica.* COMENTE ESSA AFIRMAÇÃO APRESENTANDO EXEMPLOS QUE A JUSTIFIQUEM.
- c) Demonstrando ter compreendido a relação entre o espírito do homem e as configurações da língua, apresente, em linhas gerais, a essência do método idealista.

- d) Apresente algumas críticas ao método idealista sugerindo possíveis ajustamentos.
- e) Explique os conceitos de *ERGON* e *ENERGELA* e outros contidos no glossário, os quais sempre se evidenciam nas discussões em tono da ciência da linguagem. Apresente exemplos.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Estas questões revisam, primeiramente, os nomes das pessoas ligadas à ciência filológica românica (a). Releia o conteúdo inicial do módulo para bem situar-se na questão.

Em segundo lugar, discute-se a conveniência do método idealista na linguística românica (b), pois existem fortes razões para que ele seja adotado. A correlação entre língua e espírito (c) é o ponto forte do método idealista, o qual revela maior aproximação com a sincronia. **COMENTE ESTE DADO.**

As críticas vão evidenciar (d) que nenhum método é completo e o melhor trabalho metodológico no âmbito linguístico resulta do emprego de diferentes abordagens.

Faça todo o possível para criar exemplos próprios sem preocupação de copiá-los dos manuais.

A resposta da próxima questão (d) reflete uma preocupação de colher o que há de mais plausível na proposta idealista.

Esta última questão (e) visa à aquisição segura dos conceitos básicos em filologia.

---

Prossiga a tarefa de ampliar o glossário. Pesquise as palavras desta aula e vá acrescentando novas informações às anteriores, sempre guardando a ordem alfabética.

Diacronia / Sincronia / Pancronia / Langue / Parole / Sintagma / Paradigma / Formalismo / Funcionalismo / Ergon / Energieia / innere Sprachform / aussere Sprachform / criação *ex nihilo* / Neologismo.

### PROPOSTA DE TRABALHO

Os dois métodos básicos, exaustivamente explanados nas aulas 3 e 4, servem de base para a compreensão de outros métodos secundários, mas igualmente importante para o domínio das diferentes faces metodológicas com que, comumente, se trabalha a filologia românica.

Para complementação deste conteúdo, sugere-se que você, caro aluno, realize uma pesquisa definindo e exemplificando os seguintes métodos:

- da geografia linguística;
- “Palavras e coisas”
- Onomasiológico;
- Neolínguístico ou espacial;
- da Teoria das ondas;
- Métodos afins.

Procure, enfim, relacioná-los entre si (semelhanças e diferenças) e evidenciar em que mais se aproximam dos métodos Histórico-comparativo e Idealista.

### COMO UMA ONDA

Lulu Santos  
(Composição: Lulu Santos / Nelson Motta)

Nada do que foi será  
De novo do jeito que já foi um dia  
Tudo passa  
Tudo sempre passará

A vida vem em ondas  
Como um mar  
Num indo e vindo infinito

Tudo que se vê não é  
Igual ao que a gente  
Viu há um segundo  
Tudo muda o tempo todo  
No mundo

Não adianta fugir  
Nem mentir  
Pra si mesmo agora  
Há tanta vida lá fora  
Aqui dentro sempre  
Como uma onda no mar  
Como uma onda no mar  
Como uma onda no mar

Nada do que foi será  
De novo do jeito  
Que já foi um dia  
Tudo passa  
Tudo sempre passará

A vida vem em ondas  
Como um mar  
Num indo e vindo infinito

Tudo que se vê não é  
Igual ao que a gente  
Viu há um segundo  
Tudo muda o tempo todo  
No mundo

Não adianta fugir  
Nem mentir pra si mesmo agora  
Há tanta vida lá fora  
Aqui dentro sempre

Como uma onda no mar  
Como uma onda no mar

REFERÊNCIAS

- BASSETO, Bruno Fregni. **Elementos de filologia românica**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- ELIA, Sílvio. **Preparação à linguística românica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004.
- IORDAN, Iorgu. **Introdução à linguística românica**. Tradução de Júlia Dias Ferreira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1962.
- LAUSBERG, Heinrich. **Linguística românica**. Tradução de Marion Ehrardt e Maria Luísa Schemann. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1963.
- VIDOS, Benedek Elemér. **Manual de linguística românica**. Tradução de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.